

Opinião

O combustível verde é estratégico para o Brasil

Rafael Greca de Macedo*

Por mais incrível que possa parecer, o governo federal está tratando com desprezo, desleixo e total irresponsabilidade a questão do álcool no Brasil. Essa situação não é compreensível, do ponto de vista racional, a não ser que, no pano de fundo, haja interesses inconfessáveis.

Vejamos: em vinte anos de investimentos por parte do próprio governo e da iniciativa privada, já foram gastos no programa do álcool perto de US\$ 30 bilhões. Ou seja, quase dez vezes o valor da venda da Vale do Rio Doce.

Além de o álcool ser elemento estratégico, por ser produzido dentro do País com tecnologia própria, é

um combustível renovável e com baixíssimos índices de poluição, que emprega milhares de pessoas no campo. É o combustível verde do futuro, comprovadamente.

O que acontece no Brasil? Depois de a tecnologia do motor a álcool ser dominada e ter-se difundido e incentivado por todos os meios a compra do carro a álcool, por quase duas décadas, vemos uma situação de extrema penúria para esse mercado. Chegou a ponto de, em janeiro último, não ter sido vendido sequer um veículo a álcool em todo o Brasil.

E o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não move uma palha para modificar essa situação. Algumas correntes chegam a dizer que preeminentes membros do "staff"

presidencial estariam trabalhando em favor da derrocada do programa do álcool.

Os oponentes desse programa dizem que o álcool é mais caro que a gasolina. Sem muito esforço, é possível dizer que o custo da poluição causada pelo uso e incremento de combustíveis derivados do petróleo é muito mais elevado. Então, analisemos apenas um fato, como exemplo.

Na semana passada, durante o 9º Simpósio sobre Recursos Naturais e Meio Ambiente, realizado no Rio de Janeiro, a Petrobrás informou que está investindo US\$ 1,2 bilhão na unidade de hidrotreatamento, para reduzir o teor de enxofre



do óleo diesel produzido pela empresa.

Que lógica mais absurda esta! Incrementamos o uso de combustíveis poluidores, para depois combater os seus nocivos efeitos a peso de ouro!

Enquanto isso, países como a Suécia transformaram ou estão transformando seus veículos a diesel para o álcool. Ou outros vão mais longe, como a Alemanha, que está desenvolvendo veículos automotores tendo o hidrogênio como combustível, para reduzir a poluição a zero.

Em Curitiba, a Mercedes-Benz está testando ônibus movidos a álcool. A empresa está tentando viabilizar a mistura de álcool ao diesel,

o que pode reduzir de forma drástica a poluição. Em alguns componentes, como o gás carbônico, esta redução pode chegar de 70 a 80%.

Em síntese, podemos dizer que, enquanto o governo brasileiro permite o sucateamento do setor alcooleiro, os governos norteamericano e europeus dão total prioridade ao desenvolvimento de combustíveis renováveis.

Os efeitos já são amplos: no último dia 6 do corrente mês, a Ford dos Estados Unidos anunciou que vai colocar no mercado do seu país 250 mil carros movidos a etanol misturado com gasolina, para reduzir a poluição. Estão produzindo álcool a partir do milho. A Chrysler já havia feito um anúncio na mesma direção.

A mistura proposta pela Ford e pela Chrysler – 85%

de álcool e 15% de gasolina – exigirá a produção de 34 bilhões de litros de álcool por ano. O Brasil industrializa, no total, um terço dessa produção, o que mantém sua frota de 4,5 milhões de veículos a álcool.

Enquanto o mundo caminha firme em direção ao desenvolvimento auto-sustentado, nós – que fomos pioneiros nesse campo – fazemos o trajeto inverso, em direção ao desastre.

Só podemos entender o que está acontecendo no Brasil com o seguinte raciocínio: por trás da prática neoliberal, procura-se reviver a ideologia do Jeca Tatu. Se não for isso, é a ideologia do entreguismo.

* Engenheiro urbanista, ex-prefeito de Curitiba e secretário-chefe da Casa Civil do governo do Paraná.

O mundo caminha para o desenvolvimento auto-sustentado; o Brasil marcha no sentido inverso

17/16/97 A-2